

Amazônia das árvores ou das **vassouras?**

> **POR MÁRIO BENTES**

Em 1955, quando produziu o episódio nº 60 da aclamada série que no Brasil ficou mais conhecida como O Show do Pica-Pau (Woody Woodpecker), o desenhista e produtor Walter Lantz talvez não imaginasse que a estória de uma bruxa feiosa e de uma fábrica de vassouras chamada “A Vassoura Durável” pudesse ser usada como analogia quase perfeita da atual indústria madeireira da região amazônica. Não pela mitologia das bruxas que voam em vassouras, evidentemente, mas por uma sequência inacreditável em que o Pica-Pau, único funcionário da tal fábrica, é mostrado em plena atividade de uma absurda linha de montagem.

Em um grande aparato maquinário, o famoso passarinho de topete vermelho insere um tronco enorme de uma árvore que na vida real fatalmente seria uma sumaúma (*Ceiba Pentrandia*) e depois a retira pelo outro lado da mesma linha. Detalhe: quando finalmente aparece, a árvore já está na forma finíssima de um singelo cabo de vassoura, pronta para ser vendida a bagatela de R\$ 0,50. Em meio à atmosfera irônica da cena, vem a pergunta: e o resto de toda aquela madeira?

Exageros à parte, este questionamento cabe perfeitamente nos dias atuais. O desperdício de madeira em atividades comerciais em todo planeta é notável. Na Malásia, um dos grandes exportadores internacionais do produto, o aproveitamento de tudo o que é derrubado das florestas daquela região chega a 50%. O índice é baixo, mas em países como o Brasil – e na região amazônica, mais especificamente – o número é ainda menor.

Pesquisa realizada como tese de mestrado pela engenheira florestal Cristina Galvão Alves, quando se especializava em Ciências de Florestas Tropicais pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em 2000, constatou – a partir do estudo de caso de uma das maiores madeireiras da região, localizada em Itacoatiara (a 175 quilômetros de Manaus em linha reta) – que apenas 30% da madeira retirada das florestas da região é plenamente utilizada no beneficiamento de mercado. Todo o restante é simplesmente jogado fora e pior: ainda vira poluição na natureza, já que boa parte do que não é aproveitado é queimado a céu aberto.



Higuchi calcula que o Amazonas conta com aproximadamente 150 milhões de hectares de florestas primárias

Manejo florestal: missão impossível?

Diante de tal realidade, alguns especialistas são enfáticos ao afirmar que qualquer iniciativa de manejo florestal sustentável na Amazônia seria incapaz de sair do papel. Um desses especialistas, o engenheiro florestal Niro Higuchi, pesquisador da Coordenação de Pesquisas em Silvicultura Tropical do Inpa e autor de vários trabalhos sobre o assunto, vai além das críticas. Para ele, otimizar a produção de madeira é uma questão de agir contra o desmatamento. “Se nós conseguirmos criar novas possibilidades de aproveitamento e redução do desperdício, seremos capazes de reverter essa razão em que exploração e desmatamento acabam caminhando juntos”, explica, ressaltando que uma possível melhoria das condições de beneficiamento para a indústria vai diminuir a pressão nas florestas primárias – aquelas intocadas pelo homem.

Segundo Higuchi, o Amazonas conta até o momento com aproximadamente 150 milhões de hectares de florestas primárias, contra três milhões desmatados ou explorados de forma não sustentável. O número é muito bom se comparado com a realidade de outras regiões do país, mas se engana quem pensa que a preservação das florestas do Amazonas (ainda) acontece em razão de um sistema rígido de controle ou de fiscalização por parte dos órgãos públicos. Para Niro, o atual cenário – um dos melhores entre todos os estados da região Norte – se dá de modo indireto, mais em razão de medidas administrativas cujas metas principais não contemplam necessariamente aspectos preservacionistas, mas acabam dando resultado nesse sentido.

“Claro que medidas administrativas têm sua parcela de contribuição. O Pólo Industrial de Manaus (PIM) é uma medida política que ajudou indiretamente na preservação ao favorecer a emigração de populações do interior do Amazonas para a capital”, afirma o pesquisador. Para ele, ações políticas como o PIM e o isolamento logístico de Manaus em relação a outras áreas do país têm como resultado essa maior proteção. Apesar disso, o pesquisador faz um alerta: “Essas medidas foram importantes na formulação do atual cenário, mas isto 20, 30 anos atrás. Só essas duas coisas já não vão mais sozinhas suportar a pressão pelos produtos madeireiros. Essa pressão vai chegar ao Amazonas e ele não vai resistir, do mesmo modo que o Pará não resistiu”.

Luz no fim do túnel

Segundo Niro Higuchi, a pressão atual do desmatamento se concentra na região Sul do Pará, no Norte do Mato Grosso, Rondônia e Acre, mas vem se aproximando rapidamente do Amazonas. “A gente já vê sinais claros de devastação no sul do Amazonas, na região da Transamazônica e no município de Lábrea (distante 610 quilômetros de Manaus). Na região da Boca do Acre já há uma grande pressão por conta da exploração de madeira e por conta também da atividade agropecuária”, relata.

E foi pensando em trabalhar para conter o avanço do desmatamento na região que o pesquisador se juntou a outros 55 especialistas em manejo florestal e tecnologia da madeira do Brasil para reformular, em 2008, um antigo projeto de pesquisa dos anos 70. Hoje conhecido como INCT Madeiras da Amazônia, o projeto – um dos cinco aprovados ano passado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no âmbito dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT's), do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) – quer criar meios para conter o desmatamento através da redução do desperdício de madeira em atividades de exploração comercial.

“A madeira é um produto de primeira necessidade e a indústria atua para atender a demanda de mercado mundial, que é muito grande. Entretanto, como boa parte da madeira não é aproveitada, acaba-se criando um ciclo desenfreado de exploração, o que resulta em desmatamento”, afirma o pesquisador, ressaltando que do modo em que é feita, a atividade de exploração de madeira, além de possivelmente por fim à floresta, ainda acaba por não contribuir em nada no desenvolvimento do país. “Enquanto tivermos essa relação entre madeira e desmatamento, não vamos gerar formação de riqueza na região nem proporcionar maior distribuição de renda”, analisa.

Aproveitamento máximo

Com orçamento aprovado em R\$ 4,8 milhões, o projeto abrange uma série de atividades de pesquisa voltadas ao desenvolvimento de novas técnicas ou o aprimoramento de outras já existentes que possam auxiliar na otimização do aproveitamento do produto. Um dos modos citados pelo pesquisador como importante para otimizar a exploração de madeira é a técnica da marchetaria, que pode contribuir para acabar com um dos grandes problemas existentes na atividade de exploração: o resíduo.

Projeto do Inpa quer estudar meios para otimizar beneficiamento da madeira e aumentar atual taxa de apenas 30% de aproveitamento

“Embora não seja nenhuma novidade, a marchetaria pode ser muito útil para combater o despejo de resíduos de madeira. Na marchetaria, não existe resíduo pequeno. Você usa tudo, tanto para móveis como para os pequenos objetos de madeira”, explica Niro, lembrando que o despejo inadequado de resíduos pode ser nocivo ao meio ambiente.

“Os resíduos de madeira geralmente são trazidos para a cidade e isso acaba virando lixo. Boa parte dos casos de fechamentos de aeroportos no sul do Pará, no Norte do Mato Grosso e Rondônia são causados pela queima de pó de serra, que é algo constante nessas regiões”, relata. O pesquisador diz, no entanto, que o resíduo pode ser usado positivamente, desde que seu despejo seja adequado. Segundo ele, essa é outra meta do projeto: estudar meios para destinar de forma sustentável esses resíduos. “Na floresta, esse resíduo poderia ser transformado em nutrientes para as plantas ou poderia ainda ser usado na área científica, como matéria-prima para a criação de fungos comestíveis”, explica.

Para que o projeto obtenha sucesso, serão implementadas várias mudanças estruturais no Inpa. Uma delas é a construção de um centro de treinamento na estação experimental do Instituto, localizada quilômetro 45 da BR-174 (Manaus a Boa Vista). Segundo o pesquisador, o centro vai funcionar como espaço de capacitação de pessoal em nível de pós-graduação e graduação. “A ideia é que o centro seja local para desenvolvimento de dissertações e teses que poderão ser úteis não apenas para o projeto, mas para todas as instituições envolvidas”, explica Niro, citando as universidades federais do Amazonas (UFAM), de Brasília (UnB) e do Paraná (UFPR), além da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Outra medida é a recuperação da infraestrutura de laboratórios de tecnologia da madeira. “Vamos permitir ainda o desenvol-

vimento de experimentos de exploração florestal e tecnologia da madeira, intercâmbio técnico-científico, treinamento de pessoal e, ainda, favorecer a transferência de tecnologia”, explica Niro Higuchi. Ao longo do projeto, o Inpa vai trabalhar de modo associado com laboratórios da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade de Brasília (UnB).

“Nossa meta é inverter a razão de aproveitamento para 70% de aproveitamento contra 30% de desperdício. Mesmo se conseguíssemos ampliar a taxa atual de aproveitamento para 40 ou 50% isso já seria fantástico, embora acredite que possamos superar essa cota”, garante.

MÁRIO BENTES



Para o pesquisador Niro Higuchi otimizar a produção de madeira é agir contra o desmatamento

Nadando contra a correnteza

Sobre a situação hipotética do projeto acabar criando um novo circuito de exploração e, conseqüentemente, de desmatamento – já que a madeira, beneficiada, poderia ficar ainda mais valorizada –, o pesquisador pondera. “É um risco. Só que neste caso vai ter muito mais visibilidade. Hoje é difícil organizar um setor que não contribui em nada com a formação da riqueza. Enquanto houver um setor completamente desvalorizado, ninguém presta atenção nele”, diz o pesquisador Niro Higuchi, fazendo uma ressalva: “É importante deixar claro que a verdadeira riqueza da Amazônia não

é a madeira. Ela é atualmente o produto com maior liquidez no Brasil, junto com o peixe. Mas a verdadeira riqueza da região é a biodiversidade, que é resguardada pela floresta”, avalia.

O engenheiro florestal admite a dificuldade de trabalhar para inverter a lógica do mercado, sobretudo a curto ou médio prazo. Um dos grandes obstáculos, segundo ele, é fazer com que os responsáveis pelo mercado de exploração compreendam o termo biodiversidade. “Fazer da biodiversidade a riqueza de fato, transformar isso em benefício da sociedade é complicado. É difícil ter

isso de forma concreta na cabeça. Então o que estamos fazendo é criar todos esses mecanismos para viabilizar o manejo florestal na Amazônia porque acreditamos que é a única alternativa para segurar a floresta em pé”, salienta, ressaltando que segurando a floresta em pé, você garante todas as funções e serviços ambientais.

Uma das formas que poderiam ajudar nesse sentido é a criação de novos valores comerciais menos abstratos para a maior parte da população. Niro cita como exemplo um dos serviços ambientais mais divulgados pela imprensa mundial atualmente: o sequestro de carbono. “Assim como a madeira, a questão do sequestro de carbono começa a fazer parte do mercado. Apesar de não ser algo tangível, concreto, esse serviço passa a ser uma commodity que está sendo comercializada”, explica, ressaltando que esse novo item vai começar a agregar mais valor à floresta manejada em detrimento da floresta derrubada. “É desse modo, agregando valores comerciais à floresta, que vamos criar um sistema em que a lógica comercial não afete o equilíbrio ambiental”, acredita.

Extensão dos benefícios

Niro Higuchi acredita também que o INCT Madeiras da Amazônia pode ainda ser positivo do ponto de vista econômico para as populações do interior do Amazonas. A expectativa é que o projeto crie um fluxo comercial em que empresas de pequeno, médio e grande porte instaladas nas cidades possam trabalhar nos possíveis nichos de mercado vindos com os resultados das pesquisas. “Não adianta muito pensar em um projeto apenas por um lado. Temos que levar em consideração o aspecto sócio-econômico da região. Não adianta manter a natureza mantendo também a pobreza”, salienta.

Com o andamento do projeto do INCT Madeiras da Amazônia, do Inpa, será possível saber se a região amazônica vai ter seu potencial explorado de modo sustentável e, consequentemente, gerando riquezas, ou se no fim tudo será reduzido a meia-dúzia de singelas vassouras vendidas na esquina mais próxima, à bagatela de R\$ 0,50, como no desenho do pica-pau.



Desperdício da madeira

- Aproveitamento de tudo o que é derrubado na Malásia:
50%
- Aproveitamento de tudo o que é derrubado no Brasil, mais especificamente na região amazônica:
30%
- Recursos para o Projeto INCT Madeiras da Amazônia: R\$ 4,8 milhões, o projeto abrange uma série de atividades de pesquisa voltadas ao desenvolvimento de novas técnicas ou o aprimoramento de outras já existentes que possam auxiliar na otimização do aproveitamento do produto.
- A meta do Inpa é inverter a razão de aproveitamento para 70% de aproveitamento contra 30% de desperdício.